

Mas as massas críticas tinham sido atingidas!" Só o futuro poderá testar o optimismo do autor.

Para terminar, anotemos por um lado a existência de dois anexos sobre temas para os quais não há em geral muita referência: um relativo aos seguros e outro relativo

à estatística e à demografia. Assinalemos por outro lado uma gralha ingrata que envolve o nome de Álvaro Tomás — mais escavação a fazer! — onde devia figurar o de António Luís (pág. 16, linha 28).

(A.F.)

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

F.R. DIAS AGUDO — *Análise Real, Volume I — Números reais e espaços \mathbb{R}^n* . Escolar Editora; Lisboa, 1989; 316 págs..

Apoiando-se nas suas Lições de Análise Infinitesimal (em 2 vols.) anteriormente publicadas, o autor refundiu o texto, introduzindo alterações significativas que resultaram numa actualização conseguida. Esta actualização era necessária devido à evolução dos programas de matemática no ensino secundário.

F.R. DIAS AGUDO — *Introdução à Álgebra Linear e Geometria Analítica*, 4ª edição. Escolar Editora; Lisboa, 1989; 367 págs..

O sopro de actualização não se faz sentir como na obra acabada de referir neste Boletim Bibliográfico. Trata-se de uma mera reedição retocada. Deve-se isso sem

dúvida a uma menor premência nas alterações curriculares nesta matéria.

MARIA RAQUEL VALENÇA — *Métodos Numéricos*. Instituto Nacional de Investigação Científica — Imprensa Nacional — Casa da Moeda; Braga, 2ª edição, 1990; 263 págs..

Um livro que pode servir de apoio a um curso introdutório de análise numérica que inclua como tópicos gerais os seguintes: equações não lineares, sistemas de equações lineares, interpolação, aproximação de funções, integração e equações diferenciais ordinárias. Útil também para quem pretenda abordar estes temas, a partir de conhecimentos básicos de álgebra linear, do cálculo diferencial e integral, e do domínio de uma linguagem de programação e correspondente experiência de utilização computacional.

JAMES GLEICK – *Caos – A construção de uma nova ciência*. Prefácio de Jorge Buescu; Tradução de José Carlos Fernandes e Luís Carvalho Rodrigues. Coleção Ciência Aberta, nº 38; Gradiva; Lisboa, 1989; 420 págs..

Um bom exemplo para mostrar que o jornalismo e a ciência podem compatibilizar-se na boa divulgação científica. A palavra caos — como já sucedera com a palavra catástrofe — não deve sugerir-nos um tema relapso ao tratamento científico, a descambar para o esotérico. Um dos méritos do autor, repórter científico do *New York Times* é o de nunca ter cedido às tentações da extrapolação fácil, informando sim com rigor mas amavelmente, sobre uma área da matemática que teve a sua origem em trabalhos de Henri Poincaré sobre mecânica celeste e que intervém hoje nos mais diversos domínios, como um capítulo da teoria dos sistemas dinâmicos, que prolonga o estudo clássico das equações diferenciais. Boa divulgação pois, numa nova era de interdisciplinaridade, na esteira do programa inserto nestas palavras de Louis de Broglie: instruir sem deformar, elevar o nível intelectual dos leitores sem baixar o nível da exposição.

HEINZ R. PAGELS – *Simetria Perfeita*. Tradução de Henrique Leitão e Paulo Ivo Teixeira. Coleção Ciência Aberta, nº 39; Gradiva; Lisboa, 1990; 455 págs..

Livro de divulgação sobre o papel das simetrias nas modernas teorias sobre a matéria, quer no que respeita as galáxias quer no que respeita os quarks. Um livro interessante na já longa série desta colecção.

ROBERT LENOBLE – *História da Ideia de Natureza*. Tradução de Teresa Louro Pérez. Edições 70; Lisboa, 1990; 367 págs..

Trata-se de uma tradução de um texto publicado em 1969 e deixado inacabado devido à morte do autor. Reveste-se de grande interesse; não é propriamente uma história — a ciência medieval está ausente — mas uma colecção de textos de carácter histórico sobre a ideia de Natureza. Note-se que já tinha sido publicada em Portugal, nos anos 60, uma obra sobre o mesmo tema (A Ideia da Natureza de R.G. Collingwood, Col. Divulgação e Ensaio, nº 22, Editorial Presença [sem data]).

Autor e Diligência de Inquirição — Contribuição para a História da Universidade de Coimbra no Século XVII. Prefácio, Introdução e Transcrição por JOAQUIM FERREIRA GOMES. Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa, 1989; 533 págs..

O texto agora publicado refere-se à *Devassa à Universidade de Coimbra*, ou seja à sindicância mandada fazer pelo Rei durante o período da ocupação espanhola. Nas palavras do prefaciador, “[...] é indiscutivelmente um documento de valor inestimável para o estudo dos costumes, das mentalidades e das ideias no Portugal do primeiro quartel do século XVII”.

JOAQUIM FERREIRA GOMES – *A Universidade de Coimbra durante a Primeira República (1910–1926)*. Alguns Apontamentos. Instituto de Inovação Educacional; Lisboa, 1990; 491 págs..

O Sétimo Centenário da Universidade Portuguesa, a decorrer este ano, já mereceu deste autor quatro livros, sendo este o mais recente, além de vários artigos. Esta obra constituirá consulta obrigatória para quem queira conhecer aquele período da nossa história académica.

Filosofia. História. Conhecimento. — Homenagem a Vasco de Magalhães Vilhena. Coordenação de Eduardo Chittas e Hernâni A. Resende. Coleção Universitária; Caminho; Lisboa, 1990; 340 págs..

Com textos de mais de 20 autores, esta obra além de homenagear justamente Vasco de Magalhães Vilhena, homem de rigor e de crítica, contém artigos de alguma forma relacionados com a obra do homenageado, bem assim como a sua bibliografia activa.

JOÃO MARIA DE FREITAS BRANCO — *Dialéctica, Ciência e Natureza — Um estudo sobre a noção de "Dialéctica da Natureza" no quadro do pensamento científico moderno.* Coleção Universitária; Caminho; Lisboa, 1990; 319 págs..

Do Prefácio do autor respigamos o seguinte passo, significativo do teor da obra:

"A concepção dialéctica da natureza aqui apresentada pretende assumir-se como factor de racionalidade contra certas tendências modernamente manifestadas no seio do trabalho científico. Nessa medida, este livro é também uma espécie de manifesto contra os eternos cultores

de mistérios, de desordens, de visões agnósticas e de outros pessimismos cognitivos. Nele se pretendeu demonstrar que as conclusivas da ciência contemporânea não constituem um convite ao misticismo e ao irracionalismo. Há que, na base dessas mesmas conclusivas, travar nova batalha contra os demolidores da Razão, e para isso se propõe uma reinterpretação da moderna "crise da Razão".

Este percurso implica novo esforço de reconciliação da ciência com a filosofia. Reconciliação essa que não deve ser concebida como relação hierarquizada, mas sim como reconhecimento de uma fértil dependência mútua erigida a partir de uma dupla recusa:

- a) do imperialismo filosófico (subjugação da ciência à filosofia, filosofias da ciência);
- b) do cientismo (necessária concordância do sistema filosófico com os resultados do saber experimental, redução do conhecimento válido ao conhecimento científico).

Neste nosso tempo sem Verdade e sem Deuses a concepção dialéctica do real objectivo oferece-nos uma via de superação do estado de desnorte característico do homem hodierno. A crise revelou-se endógena e não accidental. E ser moderno consiste precisamente em saber estar em crise criativa. Para viver e sobreviver neste universo quente, complexo e incerto, velejando sobre as alteradas vagas do oceano cósmico, é necessário alterar o estilo arquitectónico do pensar, edificar uma nova Razão. Impõe-se saber pensar dialecticamente, para assim ser capaz de assumir a própria crise como estado normal de uma nova existência."